

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLITICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ana Gusmão de Lima – RA 0019717

Mariana Braz Antonov – RA 0019495

**A mulher e o machismo na década de 1970 sob o olhar de Ivan Ângelo no
livro “A Festa”.**

Trabalho temático interdisciplinar baseado no livro A Festa de Ivan Ângelo apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

Junho, de 2014

"Não se nasce mulher, torna-se mulher"
Simone de Beauvoir, O Segundo Sexo

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	2
2. MULHERES	3
2.1. MULHERES - INTRODUÇÃO	3
2.2. JULIANA	3
2.2. ANDREA	3
2.3. MÔNICA.....	4
2.4. CREMILDA	5
2.5. DONA CELMA.....	5
3. O MACHISMO E AS MULHERES.....	6
3. CONCLUSÃO.....	7
4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	8

1. Introdução

Cada mulher tem sua personalidade, seus interesses e sua forma de ver a sociedade em que vive. Todas essas características podem vir do ambiente ao qual o indivíduo foi exposto, assim, influenciando no seu desenvolvimento físico e psicológico e em como essas pessoas interagem no meio em que vivem.

O livro “A Festa”, de Ivan Ângelo, é rico em personagens opostos uns aos outros, sendo de maneira ideológica ou financeira. O romance tem como ambientação a cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, e as personagens se encontravam em um período conturbado, pois o livro se passa na época em que o Brasil vivia uma ditadura militar.

Analisaremos cada personagem feminina de forma individual de acordo com suas especificidades, pontos em comum e suas oposições, a fim de caracterizar o papel da mulher na sociedade na década de 1970 e o machismo latente que permeava todas as relações. Ao falar das mulheres sob a visão de Ivan Ângelo, focaremos em algumas personagens que consideramos pertinentes e com diferentes comportamentos e noções de realidade. Nossos eixos de análise serão: Juliana, Andrea, Mônica, Cremilda e Dona Celma pertencentes respectivamente aos capítulos Bodas de Pérolas, O Refúgio, Luta de Classes, Preocupações, 1968 e Depois da festa. Traçaremos inicialmente um perfil individual, as diferenças de cada uma, para posteriormente analisar como o machismo encontrava-se presente na obra mencionada.

2. Mulheres

2.1. Mulheres - Introdução

Nesse capítulo trataremos das características individuais e comportamentais de cada personagem, com o intuito de posteriormente complementarmos a análise sobre o machismo na presente obra.

2.2. Juliana

Logo no início do capítulo Bodas de prata, podemos observar o relato de um marido sobre sua mulher. Adiante no conto dá-se a entender que o relacionamento de Juliana e Candinho é um relacionamento de aparências, talvez por se tratar de um relacionamento que se iniciou quando ambos eram jovens, parecendo que a sensação de estafa da rotina acabou encaminhando os dois para as traições, apesar de quando jovens ambos terem feito um pacto de morte, no qual quando o relacionamento não estivesse mais satisfatório, os dois se matariam.

Podemos encontrar em Juliana, todas as características que ainda eram comuns às mulheres dos anos 70, apesar da forte influência do feminismo nos mesmos anos. Juliana ainda era a dona de casa, preocupada com a aparência e desinteressada por questões políticas e sociais e preocupava-se apenas em supervisionar as atividades do lar (já que essas atividades ficavam sob a responsabilidade de sua empregada doméstica, Lady).

Juliana chegou das compras, verificou se estava tudo bem na cozinha, recomendou mais uma vez à empregada que pusesse pouco sal na comida e sentou-se na poltrona da sala, esperando o marido. (ANGELO, Ivan, 1976 , pg. 41)

2.2. Andrea

Na visão do autor Ivan Ângelo, Andrea era uma mulher muito bonita, consciente de sua beleza, egocêntrica, alienada e burra. Deixava todos os homens apaixonados, desconcertados, provocando até brigas por conta de seus encantos. Pertencia a uma família de classe média conservadora e moralista.

Quando saiu da Tijuca onde nasceu e foi criada, partiu primeiro para fazer um curso em Vassouras e depois acabou indo para Belo Horizonte. Nessa época, Andrea ainda achava que

era o centro das atenções, porém todos estavam apenas envolvendo-a em jogos e explorando-a.

Andrea aparece no romance como uma mulher de aparências, em certos momentos até forçando-se a parecer inteligente, porque a ideia de que a consideravam burra era o que mais lhe incomodava.

A acusação de burrice era a que a deixava em maior insegurança. Então comparecia a concertos, vernissagens, estréias teatrais, informava-se nos jornais, lia livros da moda (ah, que perturbação o grande orgasmo de Lady Chatterley), decorou versos do poeta da moda, frases inteiras do cronista da moda. (ANGELO, Ivan, 1976 pg. 54)

Andrea teve alguns casos passageiros, mas talvez seu grande amor tenha sido o “Jovem Pleibói.” Chegou a trabalhar inicialmente como recepcionista num banco e depois de seguidas desilusões com seu grande amor, decide viajar e ao retornar consegue um emprego na área de jornalismo como cronista social. Seus encantos ainda funcionavam. Chegou a ser presa, pois suspeitavam de seu envolvimento com o repórter Samuel Fereszin e após sua prisão, Andrea acaba tendo que depor passando, no momento de seu depoimento, por situações constrangedoras e vexatórias. Autoridades ao tomarem seu testemunho, fazem perguntas desagradáveis submetendo-a a humilhações, chegando até a detalharem como seriam certas características do seu corpo. Morreu de pneumonia.

2.3. Mônica

Ao falar da personagem Mônica, devemos partir do prisma de outro personagem, o advogado Jorge Paulo de Fernandes, já que ela inicialmente aparece no romance relacionando-se com ele. No decorrer do capítulo “O Refúgio”, Jorge fala de Mônica como um objeto de seu desejo, planejando sua ida a festa, suas falas e a pergunta crucial que faria para ela em meio a todos: “A da comprovação do seu amor.” Percebemos nesse capítulo que Mônica é uma mulher inteligente, consciente dos ideais de emancipação da mulher. Aparentemente, Mônica pertencia a uma classe média, já que Jorge era um homem totalmente cheio de preconceitos e muito provavelmente nunca namoraria alguém de uma classe inferior à dele, apesar de seu relacionamento antiético e baseado na subserviência com sua empregada Maria.

Imagem 1 – Tirinha Mafalda



Quino (2003, p. 217, tira 1)

O autor Ivan Ângelo não especifica se Mônica tem alguma ocupação, apenas como já dito anteriormente, percebemos que era uma mulher dotada de grande inteligência. Chegou a casar-se com Jorge Paulo de Fernandes e acabou tendo um final trágico, pois o mesmo acabou por matá-la dando dois tiros pelas suas costas, apenas sete meses depois de casarem-se.

2.4. Cremilda

Inicialmente Cremilda aparece no capítulo “Luta de Classes” também sob o olhar de outro personagem, seu marido Ataíde. Ataíde descreve Cremilda de maneira apaixonada, diferentemente de outro personagem que aparece nesse mesmo capítulo Fernando, que trata sua mulher com certo distanciamento. Ataíde e Cremilda pertencem a uma classe mais baixa, Ataíde era pintor e dá-se a entender que Cremilda era dona de casa.

Após o incidente ocorrido na praça da estação, seu marido Ataíde acaba sendo preso, por suspeitarem que ele também estivesse envolvido nos episódios que se sucederam na praça com os retirantes. Com o passar dos dias, Cremilda passa a receber a visita de dois policiais, buscando qualquer coisa que pudesse ligar Ataíde aos acontecimentos da praça. Usando de sua autoridade começam a abusar de forma física, sexual e psicológica de Cremilda, tecendo ameaças contra a integridade física de Ataíde.

2.5. Dona Celma

Dona Celma é a típica mãe de família que ficou viúva e talvez por isso tenha se tornado superprotetora. Era datilógrafa e suas maiores angústias eram com relação às ideias de libertação dos jovens e com a realidade do momento. Sua maior preocupação era seu filho único Carlinhos, estudante envolvido com o Diretório Acadêmico e com os movimentos estudantis. Dona Celma era conservadora, religiosa e condenava certos comportamentos típicos dos jovens daquele período. A ideia de que seu filho estivesse envolvido com questões

políticas e de que corresse perigo era o que mais lhe perturbava. Eram considerados de uma classe mais humilde, e Dona Celma utilizava do dinheiro advindo de seu trabalho e de uma pensão de seu falecido marido para o pagamento dos estudos de Carlinhos e também para cuidar das despesas referentes ao lar.

3. O Machismo e as mulheres

No decorrer da leitura do romance *A festa*, percebemos o machismo que se faz presente a todo o momento na obra. A estereotipização das mulheres sob o olhar de Ivan Ângelo é berrante seja na questão de enfatizar a beleza, na futilidade, na submissão, na acomodação, violência de gênero e na questão das profissões que as mulheres exercem no livro, tendo sempre menor importância e sendo sempre colocadas em segundo plano.

Essa estereotipização da mulher fica claramente visível, por exemplo: na futilidade, e acomodação de Juliana, que aos olhos do autor, só saía para fazer compras e permanecia no seu estado de alienação confortável, apenas preocupada em estar sempre à espera de seu marido, praticando a infidelidade para se satisfazer de alguma maneira; na afirmação de que Andrea só conseguia cargos por culpa de sua beleza; na submissão de Maria para com seu patrão; na crítica ao comportamento de Monica quanto à questão de independência da mulher (apesar de não se observar que essa personagem tenha uma ocupação); e no pensamento conservador, religioso e machista de Dona Celma ao questionar a liberdade dos jovens, principalmente os pertencentes ao sexo feminino.

As personagens Andrea, Cremilda e Monica, sofreram violências de cunho psicológico, sexual e físico, ocasionando até mesmo a morte de uma das personagens. Violências essas sempre carregadas de machismo.

O autor também deixa bem claro a diferenciação nas ocupações que eram direcionadas às mulheres, colocando como papel respectivamente feminino sempre profissões inferiores ou de auxílio, por exemplo, recepcionista, dona de casa ou datilógrafa. Podemos confirmar esse exemplo com o trecho abaixo, nas áreas de atuação feminina no mercado de trabalho:

No Brasil, por exemplo, o trabalho da mulher concentra-se, majoritariamente, no setor de prestação de serviços. Quer seja como empregada doméstica, onde ela substitui outra mulher nas tarefas que seriam específicas ao seu sexo, quer seja nos serviços de escritório, no magistério, na enfermagem, ela cuida, serve, atende, ensina. (ALVES; PITANGUY, 1982, p. 64-65)

Apesar da mudança do papel que as mulheres exercem e dos cargos que ocupam devido aos avanços da modernidade, encontra-se ainda muito enraizada em nossa sociedade a ideia de que a mulher ainda tem que se ocupar, por exemplo, das tarefas domésticas, ideia que predominava na década em que o livro foi escrito. Ainda percebemos a forte influência do machismo no âmbito profissional quando por muitas vezes as mulheres acabam sofrendo por ocuparem cargos de grande importância, preconceitos devido ao seu gênero, a não igualdade salarial. No cotidiano há a violência, que sempre foi enorme e ainda é um fator muito grave que continua a ocasionar agressões, estupros e, nos casos mais extremos, chegando aos assassinatos (como por exemplo no caso de Mônica, que foi assassinada pelo próprio companheiro). Todas as relações ainda representam o poder do homem sobre a mulher, como podemos observar no trecho abaixo:

O “masculino” e o “feminino” são criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através dos processos de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social. *Aprendemos* a ser homens e mulheres e a aceitar como “naturais” as relações de poder entre os sexos.

(ALVES; PITANGUY, 1982, p.55).

3. Conclusão

Com o decorrer da leitura e análise da obra, percebemos que Ivan Ângelo não escondeu seu machismo ao escrever o romance *A festa*. A intenção do autor é nítida ao demonstrar o papel da mulher e sua inferioridade perante os demais personagens masculinos. Fatos estes que ficam evidentes sendo na maneira em que define as mulheres e em todas as situações que elas passaram no transcorrer da história. Talvez pela década em que a obra foi escrita, os comportamentos e as impressões sobre a mulher fossem de certa maneira, considerados mais “naturais”, já que naquela época a mulher ainda era vista como coadjuvante em todos os âmbitos.

Atualmente pode-se observar uma melhora na condição de vida da mulher perante a sociedade. A mulher em sua grande maioria, devido às transformações sociais, pôde emancipar-se em relação ao homem nas questões referentes ao matrimônio, na subsistência, na criação dos filhos e em todas as atividades que antes eram “mal vistas” por pertencerem ao gênero feminino. Porém, o machismo ainda é alarmante em todos os segmentos da sociedade e ainda faz muitas vítimas tanto aqui no Brasil, quanto ao redor do mundo.

4. Referencias Bibliográficas

ÂNGELO, Ivan. A Festa, São Paulo: Vertente Editora, 1976.

QUINO. A Turma da Mafalda, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

ALVES, Bianca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. O Que é Feminismo, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.